

Brasília, marco zero

Documentos inéditos revelam que um estudo da topografia e do relevo do DF serviu de base para Lucio Costa definir o projeto da nova capital. O material foi produzido antes mesmo da eleição de JK

» RENATO ALVES

Antes de Juscelino Kubitschek ser eleito presidente e anunciar a construção de Brasília, já havia um estudo completo e detalhado da topografia e do relevo da área onde seria erguida a nova capital. A pesquisa contava com mais de mil mapas e fotografias aéreas. Tudo acabou usado pelos engenheiros comandados por Lucio Costa para tirar o Plano Piloto do papel. Mas esse material acabou esquecido na burocracia estatal, até três semanas atrás, quando um historiador do Arquivo Público do Distrito Federal os identificou em meio aos milhões de documentos guardados no órgão, que nunca teve sede própria e funciona inadequadamente nas dependências da Novacap.

Produzidas entre 1954 e 1957 pela empresa norte-americana Donald J. Belcher Associados, com sede em Nova York, as mais de mil plantas e imagens revelam que o terreno de Brasília não era tão plano e regular como vemos hoje. Havia muitos obstáculos, como morros, imensos buracos e vários córregos e ribeirão. “Esses documentos se referem aos estudos do terreno necessário para que fossem construídos os prédios, ou seja, a cidade visível hoje. Vendo as fotos, dá para se ter uma ideia de quanta terra foi mexida e retirada para a construção de Brasília. Algo, na verdade, inimaginável”, comenta o historiador Wilson Vieira Júnior, responsável pelo resgate dos documentos.

O então presidente da República, Café Filho, nomeou o marechal José Pessoa Cavalcanti Albuquerque para coordenar o trabalho de registro da área onde viria a ser construído o novo Distrito Federal. A equipe ganhou o nome oficial de Comissão de Localização da Nova Capital Federal. Não era o primeiro grupo criado por um presidente com a finalidade de levantar dados sobre uma área para a mudança da capital do Rio de Janeiro para o Centro-Oeste (veja quadro). No entanto, foi o pioneiro em uso de fotografias aéreas e a que produziu os mais detalhados mapas do relevo do Planalto Central. O material também foi usado na desapropriação das terras onde seria erguida a cidade.

Garimpagem

Apesar da importância, os documentos estavam esquecidos na mapoteca do Arquivo Público do DF. A recuperação e a devida identificação dessas relíquias se deram graças à curiosidade da pesquisadora portuguesa Maria Manoel de Oliveira. Professora da Universidade do Mi-

Fotos: Iano Andrade/CB/D.A. Press



Responsável pelo resgate do material, Wilson Vieira Júnior revela que os documentos estavam esquecidos na mapoteca

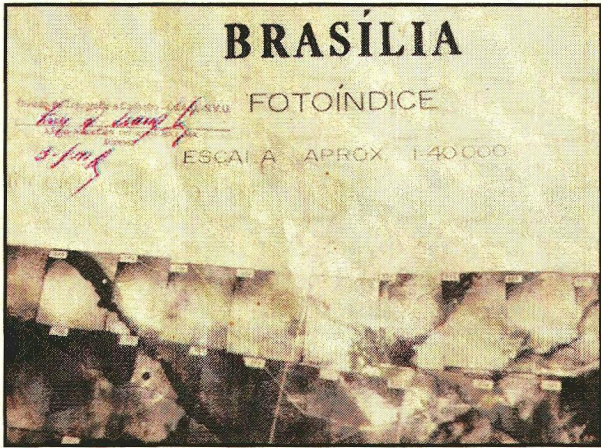


Esses documentos se referem aos estudos do terreno necessário para que fossem construídos os prédios, ou seja, a cidade visível hoje. Vendo as fotos, dá para se ter uma ideia de quanta terra foi mexida e retirada para a construção de Brasília. Algo, na verdade, inimaginável”

Wilson Vieira Júnior, historiador do Arquivo Público do DF



TRIANGULAÇÃO
As plantas e fotografias serviram de base para o traçado dos eixos da cidade — Monumental e Rodoviário



QUEBRA-CABEÇA
Milhares de fotografias aéreas foram usadas para compor a área que abrigaria o novo Distrito Federal

nho, em Braga (Portugal), ela desembarcou em Brasília há quase um mês, atrás de informações a respeito da topografia do Distrito Federal, objeto do seu pós-doutorado.

Com boa vontade, Wilson Vieira Júnior decidiu fuçar os mapas empoeirados e desconhecidos, em meio aos materiais identificados e não identificados do órgão responsável por preservar a memória de Brasília. “Com as informações escritas nos mapas, como nomes e datas, levantamos toda a história que os envolvia. Logo, descobrimos as fotos (aéreas) e começamos a montar o quebra-cabeça, ordenando tudo”, explica Vieira Júnior.

Eleito presidente, Juscelino Kubitschek tinha pressa em construir a nova capital, mas o marechal José Pessoa defendia um planejamento de mais longo prazo para se erguer uma cidade. JK demitiu o militar, em maio de 1956. O médico Ernesto Silva assumiu o cargo. O marechal morreu em 16 de agosto de 1959, oito meses antes da inauguração de Brasília. Mas o trabalho feito por ele não foi em vão.

Ganhador do concurso público do projeto urbanístico de Brasília, Lucio Costa usou as plantas e as fotografias dos estudos liderados por Pessoa para plotar os eixos da cidade — Monumental e Rodoviário —, com base em complicados cálculos de triangulação, a partir de marcos espalhados no vale entre os ribeirão de Gama e do Torto.

Cadernetas

Para cobrir toda a área onde viria a ser delimitado o DF, os técnicos da Belcher Associados fizeram 18 quadrículos, com 30 fotografias cada. A visualização completa da região só era possível juntando tudo, de forma organizada, como em um quebra-cabeça. Cálculos registrados em mapas, em linho parafinado, e cadernetas também compõem o conjunto dos documentos doados ao Governo do Distrito Federal, há quatro décadas, pelo engenheiro Jethro Bello Torres, integrante da equipe de Lucio Costa.

Todos os documentos serviram a Lucio Costa, que comandava duas equipes, uma no Rio de Janeiro e outra em Brasília. Os grupos se comunicavam por rádio para acomodar corretamente no solo do cerrado a cidade e a arquitetura de Niemeyer. “Lucio Costa montou tudo no chão do escritório, no Rio. Com as plantas, as fotos e complicados cálculos matemáticos, ele e a equipe passavam as informações a engenheiros lotados em Brasília. Assim, foram fazendo a terraplanagem da nova capital”, conta Vieira Júnior.

» Leia mais na página 20

OS VIAJANTES

O Distrito Federal começou a ser traçado muito antes do início da construção, no fim dos anos 1950. Sobre lombo de burro, europeus e brasileiros cruzaram o Planalto Central nos séculos 18, 19 e 20 para registrar tudo o que havia nessas terras. Os aventureiros deixaram como herança mapas e relatórios a respeito da região.

José da Costa Diogo, 1734

» Tropeiro, partiu das margens do Rio São Francisco à procura do ouro das minas dos Goyazes (atual Goiás). Ele escreveu um diário de viagem — transcrito no livro *Viagem pela Estrada Real dos Goyazes* —, o relato mais antigo encontrado.

Tosi Colombina, 1751

» Engenheiro militar e cartógrafo genovês a serviço da Coroa Portuguesa, Francisco Tosi Colombina fez mapas e registros de ocupação do Planalto Central em meados do século 18. Propôs construir uma estrada de São Paulo a Cuiabá, passando por Vila Boa, atual Goiás Velho. Em contrapartida à

construção, pedia uma sesmaria a cada três léguas de toda a extensão da via e o privilégio de explorar a estrada por um período de 10 anos. O privilégio foi concedido, mas Colombina não construiu a estrada.

Barão de Mossâmedes, 1773

» Dom José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho, governador da Capitania de Goiás, saiu de Lisboa em setembro de 1771, chegando à Vila Boa em julho do ano seguinte para tomar posse no cargo. O *Diário de viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773* é o relato da viagem feita por ele da cidade do Rio de Janeiro a Goiás Velho.

O ajudante de ordens Tomás de Souza, escriba e geógrafo, fez os dois mapas da capitania.

Luís Cunha Menezes, 1778

» O fidalgo português foi o quinto governador e capitão geral da Capitania das Minas de Goiás, de 1778 a 1783. Deixou o manuscrito *Jornada que fez Luís da Cunha Menezes da cidade da Bahia para Vila Boa*, onde chegou em 15 de outubro de 1778. Veio pela estrada salineira da Bahia.

Cunha Matos, 1823

» Brigadeiro português, serviu como soldado em São Tomé da África por 19

anos. Escreveu a *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais* e uma resumida *Corografia Histórica da Província de Goiás*.

Luiz Cruls, 1892 a 1894

» O astrônomo belga chefiou a célebre Missão Cruls em duas expedições. A primeira, de 1892 a 1894, foi quando ele percorreu o Planalto Central para estudar a região e definir a área onde seria construída a futura capital. Definiu o quadrilátero de 14,4 mil quilômetros quadrados.

» No segundo semestre de 1894, Cruls voltou para concluir alguns estudos e

definir a área exata da nova cidade dentro dos 14 mil km quadrados.

Polí Coelho, 1946 e 1948

» Na nova Constituição, promulgada em 18 de setembro de 1946, mais uma vez foi inserido o preceito legal sobre a mudança da capital do país. O presidente, Eurico Gaspar Dutra, cumprindo o que determinava esse dispositivo, nomeou uma comissão que recebeu o nome do responsável, o general Polí Coelho. Ele tinha a missão de delimitar a área que seria destinada ao novo Distrito Federal. O estudo sobre a região foi feito e em 1948, concluindo que a área demarcada pela Missão Cruls era a ideal.